"O que você acha de sairmos em um *date*?"

"*Como é?*"

"Bem, nesse caso, que tal fazermos uma *party*?"aaaa

"*O problema é com a sua cabeça ou com o seu japonês?*"

"Como é?"

Parei para pensar por um segundo.

"Se eu tivesse que escolher, diria que é com o japonês."

"*É mesmo?*"

"Mas, pensando bem, tanto 'date' quanto 'party' são palavras em inglês."

"*Espertinha.*"

A mulher respondeu exatamente do mesmo jeito que minha filha responderia. Não consegui evitar dar uma risadinha.

Cocei a perna enquanto as ondas de ar quente vindas do aquecedor sopravam contra ela.

"*A propósito, ainda não entendi por que você me ligou.*"

"Ah, sim. Tem uma tradição na nossa família. Todo ano, no Natal, a gente se reúne pra comer uma refeição mais chique do que o normal."

"*Parece muito encantador.*"

"Eu te liguei pra saber se você queria passar aqui."

"*Hã?*"

"Naturalmente, sou eu quem prepara a comida."

“Incrível, né?” Acrescentei com um tom de orgulho. Nem meu marido nem minhas filhas cozinhavam de verdade, então essa era a minha área — fácil de receber elogios.

Isso me lembrou que eu tinha esquecido de comentar sobre a mãe da Adachi com a Hougetsu. Talvez eu devesse fazer isso em algum momento hoje? Enquanto isso, ainda esperando que eu parasse de me gabar, o tom de voz da mulher começou a ficar visivelmente mais grave.

"*Você é mesmo...*"

"Sim?"

"*...uma idiota.*"

"Sério?"

"*O que te faz pensar que eu simplesmente apareceria na festa de Natal de outra família?*"

"É normal na América. Totalmente normal."

Não que eu soubesse o que realmente acontece por lá. Dito isso, pensando em todos os Bobs e Johns, a imagem que me vinha à cabeça era certamente a de uma grande farra.

"Além do mais, você não estaria sozinha."

"*Eu não preciso de você.*"

E, assim, fui descoberta.

"Não quis dizer eu."

"*Ah, que bom, mas então não consigo pensar em mais ninguém.*"

"Tem sua filha. A Adachi."

As palavras mal tinham saído da minha boca quando percebi que esse nem era o nome de verdade da garota. Mas, de qualquer forma, parecia ter passado a mensagem, porque imediatamente depois a mulher ficou em silêncio. Completamente em silêncio. Será que ela ainda estava respirando?

Enquanto esperava pela resposta dela, aproveitei para esticar os membros o máximo que consegui. Ao fazer isso, um gemido estranho e irregular escapou da minha boca. Se fosse para chutar, diria que foi alto o bastante para ela ouvir também.

"*Como assim?*"

"Minha filha acabou de sair de casa pra se encontrar com a sua."

"*Ah, sim... Eu sei.*"

"Depois disso, ela vai vir pra cá pro jantar de Natal. Acho."

"*Acha?*"

"Bom, a gente não combinou nada de verdade, mas tenho quase certeza de que ela vem."

Se tinha uma coisa que minha filha sabia fazer bem, era esse tipo de convite. Quando foi que ela ganhou essa habilidade? Talvez tenha sido bem recente.

Para alguém que passava a maior parte do tempo no mundo da lua, as pessoas pareciam gostar dela com facilidade.

...Vamos dizer que ela herdou essa última parte de mim. E o jeito avoado, do pai. Sim, sim.

"*Se aquela garota vai estar aí, então definitivamente não estou interessada.*"

"Por quê?"

"*Tá se fazendo de desentendida? Ou você realmente não consegue adivinhar?*"

"Hmm... Não? Vocês estão de mal ou algo assim? Se for, por que não aproveita essa oportunidade pra se aproximar?"

Bem nessa hora, uma bolinha de luz passou correndo por mim a caminho da cozinha. Peguei ela pelo colarinho.

"Uou!"

"*Mas que coisa...*"

Ouvi um suspiro profundo do outro lado da linha.

"Pra Adachi, vai ser como estar fora do seu ambiente. Por isso, como mãe, você devia estar ao lado dela."

"*Eu apoiando a Sakura? Não é bem assim que funciona...*"

"Hã? Você não vai apoiar a própria filha? É uma pessoa má ou algo assim?"

"*Agora você tá sendo ridícula. Não, não é isso. Eu... Na verdade, não quero falar sobre isso agora.*"

"Você devia tentar sorrir e segurar a mão dela, só uma vez, mesmo que tenha que forçar. Sorrir é algo com que você deveria se acostumar."

"*Desculpa, mas isso não é possível.*"

"Por isso mesmo eu disse: mesmo que tenha que forçar."

“Depois que fizer uma vez, não vai mais ser impossível”, acrescentei.

"Você não acha que seria bom passar o Natal com sua filha? Pra mim, parece a coisa certa a se fazer."

Dito isso, eu não tinha dúvidas de que, se as duas fossem deixadas sozinhas, o clima entre elas ia ficar pesado na hora.

"Pense em mim como quem tá fornecendo o lubrificante."

"....."

"Uau! Que fácil! Que flexível!"

"*É divertido conversar sozinha?*"

"Muito. Por que não tenta também, uma hora dessas?"

Era isso que sempre me permitia agir de forma tão positiva.

"Além do mais, desde que você crie memórias, importa mesmo se nada acontecer?"

No futuro distante, décadas à frente, seria bom ter algo para lembrar.

Eu sentia que isso era uma das coisas mais importantes da vida.

"*...Então, no fim das contas, você tá fazendo tudo isso só por motivos egoístas?*"

"Hmm, vai saber."

Era verdade que eu não tinha convidado ela só por consideração. Quanto mais gente divertida por perto, mais divertido tudo ficava.

Esse era o raciocínio que movia minhas ações.

"Seu marido pode vir também, se quiser."

Só depois que as palavras saíram da minha boca percebi que na verdade não tinha lugar suficiente na mesa para todo mundo.

Ainda mais comaquela coisinha por perto, pensei, balançando de um lado para o outro a criaturinha que eu segurava. Ela parecia estar se divertindo muito só de ficar pendurada ali.

"*Não tenho marido.*"

"Ah, não tem? Foi mal então."

"*Tudo bem... Enfim, será que vou mesmo aí?*"

"Não é pra mim que você devia perguntar."

"*Não tenho energia pra dizer não, então decide você. Sério... Só de pensar nisso já fico cansada.*"

"Vem!" declarei em voz alta. A criaturinha brilhante provavelmente não fazia ideia do que eu estava fazendo, mas mesmo assim imitou o gesto.

"*Haa... Então é pra eu ir?*"

"Claro, por que não? Seja mais positiva. Vai ser super divertido. Pra mim."

"*Tenho a impressão de que você consegue se divertir com qualquer coisa.*"

"Errado. Só pra você saber, eu fico solitária com muita facilidade."

"*Ah, é?*"

"É sim. Por isso mesmo você devia aparecer. A gente começa a comer lá pelas sete."

"*Tá bom...*"

Pronto. Tinha dito tudo o que queria para ela. Já me preparando para encerrar a ligação, ouvi a mulher soltar um suspiro extremamente profundo.

"Hmm? Que foi?"

"*Tô começando a me arrepender de ter te dado meu número.*"

"Hahaha", ri, antes de finalmente desligar a chamada de vez. *Foi divertido.*

Aquela mulher era fria como a filha, mas de um jeito bem diferente. *Que interessante.*

"Ah, a Shimamura tá quase voltando", disse de repente a criaturinha brilhante, ainda pendurada na minha mão e com os olhos voltados para a porta da frente.

"Sério? Você consegue saber? Como?"

"Pelo cheiro de rosquinhas."

"Hmm... Não sei se entendi o que você quis dizer."

E de fato, não entendi. Mas era verdade que existiam coisas nesse mundo que só os outros conseguiam enxergar.

Pegue a mim e a mãe da Adachi, por exemplo. Nossas mentes eram totalmente diferentes, e o mesmo valia para as coisas que conseguíamos ver.

Era preciso ter outras pessoas por perto para enxergar o quadro completo.

Enfim. Ainda segurando a garotinha, me levantei e comecei a caminhar em direção ao hall de entrada.

"Oh."

Lá estava, a batida habitual que indicava que ela tinha chegado em casa.

Será que uma certa pessoa estaria ao lado dela? Tenho quase certeza que sim.

"Mamãe, você é o Papai Noel?"

"Por que diz isso?"

"Porque você deu pra Adachi a mãe dela de presente", respondeu a pequena bolinha de luz, balançando o corpo de um lado para o outro.

"Hmm... Pode ser que você tenha razão."

Agora que ela tinha mencionado... havia algo meio mágico nisso, não é?

"Pra alguém que só vem aqui pra comer toda a nossa comida, até que você diz umas coisas bem inteligentes de vez em quando."

"Sou uma pessoa muito boa, sim."

Decidindo manter esse presente em segredo por enquanto, fui até a porta receber as duas.

"Bem-vindas de volta, minhas filhas."

Era trabalhoso demais fazer do outro jeito, então acabei tornando as duas minhas filhas de uma vez.